

CULTOS E DEVOÇÕES XUKURU A SANTOS CATÓLICOS: HISTÓRIA, REELABORAÇÃO CULTURAL E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO NORDESTE

*Edson Silva**

Mestre em História pela UFPE. Leciona História no Col. de Aplicação e Prática de Ensino de História junto ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - DMTE no CENTRO DE EDUCAÇÃO/UFPE. Doutorando em História na UNICAMP. E-mail: edson@cap.ufpe.br - As reflexões aqui desenvolvidas, fazem parte de uma pesquisa mais ampla que ora realizamos sobre o povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira-PE), para elaboração da nossa Tese no Curso de Doutorado em História na UNICAMP.

Os povos indígenas no Nordeste do Brasil elaboraram diferentes estratégias de resistência frente às diversas formas de violências, às invasões de seus territórios, à supressão de seus direitos, à negação de suas identidades étnicas, à imposição cultural colonial. A resistência dos Xukuru do Ororubá (Pesqueira-PE), observada em uma releitura de práticas e expressões religiosas desse povo, não somente questiona uma história triunfalista da Colonização, como também exige uma nova abordagem das relações entre povos indígenas e colonizadores. Exige, assim, um repensar da História do Brasil.

Palavras-chave: Povos Indígenas, Resistência, História do Brasil.

Xukuru cults and devotions to catholic saints: history, cultural re-elaboration and indigenous resistance in the Northeast Region of Brazil. The Northeast's brazilian indigenous people elaborated different strategies of resistance relate to many forms of violence, to the invasions of your territories, to the suppression of your rights, to the denial of your ethnic identities, to the colonial cultural imposition. The resistance of Xukuru of Ororubá (Pesqueira-PE), found in the cultural practices and the religion of this people, arises some questions about the triumphalist History of the Colonization, as well as it demands a new approach of the relationships between native people. It demands, thus, the rethinking of the brazilian's Hystory.

Keywords: Indigenous People, Stategies of Resistance, Brazilian's Hystory.

“Nossa Senhora das Montanhas
Oi, arreia, arreia, arreia
É uma santa de valor
Tamain arreia, arreia (bis)
Quem achou ela na mata
Deus no céu e índio na Terra (bis)
Foi o índio caçador
Vamos ver quem pode mais
Arreia, arreia, arreia, arreia
É Deus no céu e índio na Terra
Oi, arreeia!”

Cantos do ritual do Toré dançado pelos Xukuru

Foi bastante oportuno que a CNBB tenha escolhido para a Campanha da Fraternidade/2002 o tema *Fraternidade e Povos Indígenas*. Isso porque ela possibilitou um maior conhecimento e um debate ainda que mínimo sobre a situação dos povos indígenas no Brasil, a superação de desinformações generalizadas, de equívocos e preconceitos que comumente se tem sobre esses povos. O desconhecimento de grande parte da população não-índia sobre os indígenas decorre das visões estereotipadas contidas na maioria dos livros didáticos, ensinadas nas escolas, ainda nas universidades e veiculadas pelos meios de comunicação sociais. Idéias carregadas de etnocentrismo, que vêem os indígenas como “primitivos”, ou “bárbaros”, na utilização de termos como “tribos”, ao invés de povos.

Existe uma visão generalizada sobre “o índio”, ignorando-se a diversidade sociocultural dos vários povos existentes em todas as regiões do Brasil. A maioria das pessoas possui a visão da história da Colonização como uma grande tragédia para os povos indígenas, vencidos e “extintos” violentamente. Ou vêem os “povos sobreviventes” do grande massacre, como subjugados, impotentes, condenados ao desaparecimento na esteira do “progresso”. Nas regiões mais antigas da colonização portuguesa, como é o caso do Nordeste, persistem informações desatualizadas que tratam os indígenas como “remanescentes”, que estão “aculturados”. São poucos conhecidos os estudos que provocaram mudanças na concepção e nos conceitos do que é cultura e identidade, sobre as dinâmicas das relações culturais,

em contextos de dominação política, que permitiram uma outra leitura sobre as populações étnicas.

Ignora-se assim, que os povos indígenas, como os Xukuru do Ororubá, a despeito das violências coloniais teceram, criaram e recriaram diferentes estratégias de resistências a Colonização, obrigando-nos a repensar a História do Nordeste e do Brasil.

A INTRODUÇÃO DO CATOLICISMO ENTRE OS XUKURU DO ORORUBÁ

As missões religiosas desempenharam um papel de fundamental importância no expansionismo colonial, colaborando na atração e no aldeamento de povos indígenas considerados “hostis”, favorecendo assim a ocupação de suas terras pelos colonizadores. Essa aliança entre o Estado e a Igreja Católica Romana foi expressa em vários momentos na História do Brasil, a exemplo de Pernambuco quando, em 1661, o Governador Francisco de Brito Freire, afirmava terem sido aldeados muitos “tapuias” até aquele momento considerados “indomáveis”, ao constituir-se duas novas povoações com igrejas, sob a responsabilidade do Pe. João Duarte do Sacramento, fundador da Congregação do Oratório no Brasil (Medeiros, 1993:35), cujos missionários ficaram conhecidos como Oratorianos.

Uma das missões dos Oratorianos estava localizada em Limoeiro, de onde partiram missionários para aldear outros indígenas na região mais próxima do “sertão de Santo Antão”. Essa foi uma primeira tentativa mal sucedida de concentrar os antepassados dos xukurus, pois a missão chegou ao final quando grande parte dos indígenas morreu vitimada por bexigas. Os sobreviventes foram juntados aos aldeados em Limoeiro. Dez anos mais tarde, em uma nova tentativa, por volta de 1671, o Pe. Sacramento fundava no *Ararobá* uma aldeia de índios xukurus (Medeiros, 1993:51-53).

O estabelecimento de uma missão religiosa no Ararobá foi de grande importância estratégica, uma vez que o local era considerado “chave” tanto para defesa contra ataques de indígenas que poderiam descer mais próximo da costa, como também ser o ponto de partida

para a ocupação das terras do sertão destinadas a pecuária por parte dos portugueses. Esses interesses estavam tão bem definidos que por ocasião do ato de fundação do Aldeamento do Ararobá, ao lado dos missionários estavam também presentes senhores de engenho do litoral, que tinham recebido da Coroa portuguesa sesmarias com grandes extensões de terras sertões adentro, até o Rio São Francisco.

A missão era facilitadora da implantação dos currais, dos quais se beneficiava para sua própria sobrevivência. Os Oratorianos chegaram a possuir os seus próprios criatórios, em terras recebidas como doação de sesmeiros, que também doavam ferramentas para o trabalho na missão, aumentando o patrimônio da Congregação. Em uma política de benefícios mútuos, cabia então aos missionários através da catequese quebrar a resistência indígena, assim o primeiro líder Xukuru que “converteu-se” ao catolicismo foi batizado como nome do português João Fernandes Vieira Ararobá, homenageando o conhecido benfeitor da missão (Íd., 62), senhor de engenho na Várzea do Capibaribe no Recife.

O novo aldeamento foi fundado sob a invocação de Nossa Senhora *das Montanhas*, por estar localizado no topo da *Serra do Ararobá*, também denominada pelos missionários *Belo Monte*, nome pelo qual durante muito tempo o aldeamento ficou conhecido. A introdução de um culto mariano fez parte da pedagogia evangelizadora missionária inicial junto aos Xukuru, isso porque possivelmente o estímulo as devoções a imagem de N. Sra. das Montanhas, comunicava bem mais que a pregação com palavras (lembramos que em latim) estranhas à cultura indígena.

DEVOÇÕES XUKURU AOS SANTOS CATÓLICOS ROMANOS

O povo Xukuru habita a Serra do Ororubá, no Município de Pesqueira, na Região Agreste, a cerca de 215 Km do Recife, a capital do Estado de Pernambuco. Quanto aos números populacionais Xukuru, existem divergências em relação as estimativas mais recentes disponíveis. A Fundação Nacional de Saúde (FUNASA/ESAI) contabilizou,

em um levantamento realizado no ano de 1996, cerca de 6.363 indivíduos morando em 40 aldeias espalhadas pela Serra e no Bairro “Xukurus”, localizado na Cidade de Pesqueira. Esses dados foram contestados pelos próprios indígenas, que afirmaram a existência de 1.807 famílias moradoras em 23 aldeias e aproximadamente mais 200 famílias habitando em Bairros de Pesqueira, totalizando 7.842 indivíduos.(Almeida, 2000:52). Segundo os indígenas, a diferença entre o número de aldeias se deve ao fato de que, oficialmente, alguns sítios onde moram Xukuru foram classificados aldeias.

Mesmo diante das proibições, perseguições e violências coloniais, os Xukuru permaneciam com seus cultos tradicionais, realizados às escondidas, após a decretação oficial do fim do Aldeamento em 1870. Nas primeiras décadas do século XX, os Xukuru, como outros povos indígenas no Nordeste, retomaram com mais vigor a mobilização pela posse de suas terras e garantia de seus direitos, pressionando as autoridades do SPI (Serviço de Proteção ao Índio). O primeiro relatório oficial contemporâneo sobre os Xukuru data de 1944, e foi feito pelo sertanista e funcionário do SPI, Cícero Cavalcanti (*apud* Antunes,1973:40-43).

Nesse Relatório, afirmava o sertanista que em razão dos “caboclos mais velhos” reunirem-se para realização dos seus rituais, eram denunciados pelos “brancos”, fazendeiros não-índios invasores nas terras indígenas, como catimbozeiros à polícia. Líderes dos cultos indígenas foram intimados a comparecer à Delegacia, e os índios estavam proibidos pela polícia de praticar “o segredo” do Ouricuri. Outros indígenas foram denunciados, tendo as autoridades policiais “os proibido de curatórias”. O sertanista afirmava ainda que “alguns costumes Xukurus ainda vivem em seu coração”. O Toré era dançado na Festa de Nossa Senhora das Montanhas, em Cimbres.

Atualmente os Xukuru do Ororubá conjuntamente com as crenças em tradições religiosas próprias, expressam em suas práticas religiosas diárias devoções e cultos católicos romanos, como por exemplo ao Sagrado Coração de Jesus ou ainda, participam de romarias a Juazeiro/CE, aonde vão louvar o Pe. Cícero. Além disso, em

momentos do calendário religioso católico romano, festejam São João, São Miguel e Nossa Senhora das Montanhas, chamada por eles de forma tanto respeitosa, quanto muito carinhosa de *Nossa Mãe Tamain*.

A festa de São João, ou de *Caô*, como afirmam os Xukuru, é celebrada em junho. Os xukurus, vindos de todas as aldeias, concentram-se na Vila de Cimbres (centro da missão colonial) animados com fogos de artifício, a Zabumba, tradicional banda de pífano. Trazendo cada um/a seu “fardamento”, também chamado de “Tacó”, vestimenta tradicional formada pelo saiote e barretina, espécie de chapéu, ambos feitos de palha de milho ou às vezes de coqueiro. Na chegada, entram no imponente templo católico romano existente na Vila, aonde vão “visitar” Mãe Tamain. Depois vão ao salão do Centro Social São Miguel, onde permanecem dançando o Toré.

Naquele dia, à tarde, os xukurus de diferentes idades reúnem-se e em procissão, animados com a Zabumba e a gaita do Toré, carregando a Bandeira de Nossa Senhora das Montanhas, atravessam a Vila para realizarem o ritual da “busca da lenha”, onde índios e não-índios trazem das proximidades galhos de árvores para fazerem uma grande fogueira em frente ao templo na Vila de Cimbres. A noite, após acesa a grande fogueira, é celebrada a Missa de São João, com a presença dos xukurus nos corredores laterais do templo. Findada a celebração, os demais participantes acompanham os indígenas que dão voltas ao redor do templo romano, parando e frente dele, onde dançam o Toré com brados de louvores a São João, Mãe Tamain e Pai Tupã.

Próxima a meia noite, os xukurus deslocam-se para a Laje do Conselho (uma grande formação rochosa), quando invocam e incorporam os *encantados*, espíritos de índios que morreram e que passaram a fazer parte de um panteão de seres mitológicos e protetores do povo Xukuru como o Rei Orubá, Rei Jericó, o Rei Canaã. Após esse ritual, voltam para onde estão alojados onde dançam o Toré até pela manhã, quando depois de retornarem outra vez dançando para frente do templo católico romano, encerram suas “obrigações” e voltam para suas casas.

Dando continuidade ao ciclo festivo, nove dias após a festa de São João em dois de agosto, ocorre a Festa de Nossa Senhora das Montanhas/*Tamain*. Na festa para *Tamain*, a participação Xukuru, é maior: desde a Procissão da Bandeira, dançando por diversas vezes o Toré ao redor e na frente do templo católico romano, ao transporte do andor com a imagem de *Tamain* quando se apresentam devidamente “fardados” com o *Tacó*. Só os xukurus têm o direito de carregar o andor e tocar a imagem. Esse “monopólio” sempre foi motivo de questionamentos e conflitos com as autoridades religiosas católicas romanas que dirigem os festejos.

Depois da Procissão gritando “*Viva Tamain, Pai Tupã e o Cacique Xicão*”, os xukurus entram carregando o andor no templo, onde as lideranças postam-se em pé, próximas ao altar central, enquanto outros indígenas ocupam o corredor principal e as laterais. Ao final da missa sempre celebrada pelo Bispo de Pesqueira, os não-índios retiram-se, em reconhecimento e respeito aos indígenas, cedendo espaço para os xukurus que *dançam o Toré ao redor dos bancos* entoando repetidas vezes seus cantos rituais tradicionais.

A Festa de São Miguel ocorre também em Cimbres no dia 29 de setembro. Dela participam tanto os Xukuru vindos de todas as aldeias como os não-índios. Na oportunidade, os indígenas também dançam o Toré, participam de novenas, rezas e procissão que culmina com a celebração de uma missa, em homenagem ao santo que nomeia o Centro Social onde eles alojam-se por ocasião das festas religiosas na Vila. Nos últimos anos tem sido realizado um esforço para retomar a dimensão e brilho que a festa teve no passado.

HISTÓRIA, REELABORAÇÃO CULTURAL E RESISTÊNCIA INDÍGENA

As abordagens mais recentes pelos estudos de História, apoiados pelas discussões da Antropologia, sobre a dinâmica da colonização, as relações culturais em uma situação de contato, sobre a identidade étnica, a territorialização etc., exigiram repensar a idéia tradicionalmente atribuída aos indígenas como “povos derrotados”, passivos,

subjugados, que passaram a ser vistos como sujeitos/agentes ativos no processo colonial, num contexto de dominação/imposição cultural. Esses estudos buscaram compreender como os diversos povos indígenas em diferentes contextos situacionais, elaboraram diversas estratégias que possibilitaram a sobrevivência nos cinco séculos de colonização no Brasil.

Nesse sentido, foi ampliada a concepção do próprio conceito de resistência, até então vigente, apenas enquanto confrontos, conflitos bélicos, guerras com fins trágicos e a morte de milhares de indígenas, para uma concepção mais ampla de relações culturais diferenciadas em contextos de dominação e violências culturais: a resistência cultural do cotidiano, através de gestos, práticas, atitudes que quebraram uma suposta hegemonia da dominação colonial.

Uma vez questionadas as visões a respeito dos indígenas como “povos vencidos” e as idéias do “genocídio” e do “etnocídio”, enquanto total destruição física e cultural, foram estudadas as diferentes estratégias utilizadas pelos povos nativos em uma permanente resistência ao colonialismo. As simulações, as acomodações, os acordos, as alianças. O chamado hibridismo cultural, ou seja, as apropriações simbólicas que as culturas indígenas fizeram da cultura colonial, reformulando-a, adaptando-a, refazendo-a, influenciando-a, reinventando-a, no que é conhecido como religiosidade popular, sincretismo etc., que permeiam os “500 anos”.

Os povos indígenas desenvolveram diferentes estratégias de resistência frente a colonização. Acordos, negociados entre líderes indígenas e colonizadores garantiram a influência e o poder dos primeiros sobre seus grupos. Casos de rebeliões em aldeamentos de índios já considerados mansos e cristãos, colocavam em questão o trabalho catequético de anos, que mantinha um suposto controle colonial sobre os povos indígenas. Negociações possíveis em um contexto de dominação foram feitas em diferentes situações e momentos, o que permitiu aos povos indígenas manterem um convívio aparentemente pacífico no mundo colonial, resistirem/sobreviverem,

como também subverterem a suposta ordem dominante na história dos 500 anos (Silva, 2000:100-103).

Após cinco séculos de colonização qual o sentido dos gestos, atitudes, expressões e práticas religiosas dos Xukuru? Quais significados possuem essas situações? Autores como Gruzinski (1995) e Bruit (1995) que estudaram a América Espanhola, Vainfas (1997) e Barros (1997) que pesquisaram o Brasil, revelaram que mesmo naqueles contextos de diversas violências explícitas, os povos indígenas simularam-se derrotados e sabotaram a dominação colonial, estabelecendo uma “resistência invisível”, através da persistência de práticas religiosas ancestrais, com simulações ou adesões ao cristianismo, práticas estas consideradas como idolatrias pelos missionários, deixando-os bastante irritados ao perceberem os desvios em seus trabalhos catequéticos (Silva, 2000:100-103).

A apropriação e reinterpretação dos espaços e símbolos religiosos coloniais pelos Xukuru constitui uma expressão da afirmação étnica, o fortalecimento nas reivindicações dos direitos indígenas. Além de afirmarem que Cimbres, o núcleo inicial da ocupação colonial portuguesa, é um espaço sagrado e daí a busca do domínio sobre ele, os Xukuru dizem também que N. Sra. das Montanhas/*Tamain* lhes pertence. Como aparece nos relatos das muitas versões sobre o “achado” da imagem da Santa, encontrada por uma índia criança, por “um caboclo velho”, ou ainda por um índio enquanto caçava na mata. Dizem também que foram os índios que fizeram “uma cabana de palha para Santa, em cima do tronco onde ela foi encontrada”. Também descrevem seus traços físicos do rosto como o de uma “cabocla”.

A imagem cristã tornou-se um símbolo para o povo Xukuru que em torno dela “reconstruíram nexos sociais e culturais”, o mesmo ocorrendo mais tarde com as devoções a outros santos: São João e São Miguel também introduzidos pelos missionários, demonstrando que os indígenas nunca foram apenas “consumidores passivos” da evangelização. Pode-se afirmar que nos cultos e devoções Xukuru aos santos católicos romanos, ocorreu uma aproximação entre os mundos sobrenaturais indígena e cristão. (Gruzinski, 1994).

Pode-se pensar ainda em uma situação análoga com o caso da colonização espanhola no México, onde “o êxito da imagem cristã entre os índios é indissociável, portanto, de uma conjuntura inicial que em muitos aspectos resulta excepcional, pois une uma receptividade imediata e uma habilidade precoce as notáveis capacidades de assimilação, interpretação e criação”. (Gruzinski, 1994:182). Quando os Xukuru apropriaram-se das imagens cristãs, a semelhança do que aconteceu no México colonial, como analisa Serge Gruzinski (1995), ocorreu uma “captura do sobrenatural cristão” pelos indígenas e uma “cristianização do imaginário indígena”.

Dentre as entidades que os Xukuru louvam durante a Dança do Toré, está a “Rainha das Florestas”, ao mesmo tempo em que há uma grande devoção ao culto de Nossa Senhora das Montanhas/Tamain. Não teriam os Xukuru associado um culto pré-colonial de uma entidade religiosa feminina a devoção a Santa católica romana introduzida pelos missionários?

Os Xukuru apropriaram-se dos símbolos coloniais religiosos, dando-lhes, ainda, um significado também para sua organização e mobilizações políticas, expressadas em momentos de cultos públicos. Em um vídeo-documentário datado de 1996, as palavras do Cacique Xicão, reconhecida liderança Xukuru, assassinado em 1998 a mando de fazendeiros, em conseqüência da atuação na organização e mobilizações do seu povo pelas reivindicações de seus direitos e na luta pela demarcação de suas terras, são afirmações que expressam o significado do culto a *Tamain*/Nossa Senhora das Montanhas para os Xukuru: “Vim aqui pedir a Tamain para ela dar força, coragem e encaminhar todos processos demarcatórios da nossa terra... É ela que vai dar força para nós conseguir a nossa demarcação. O futuro das nossa crianças, o futuro dos nossos guerreiros”¹.

¹ Trecho de fala no vídeo-documentário *Guerreiros do Ororubá*, produzido por Ângelo Bueno(CIMI-NE), a quem agradeço pela indicação, presteza e gentileza por ter me cedido cópia da fita.

Observando as práticas Xukuru é possível comprovar as muitas e diferentes estratégias conscientes, ou não, que os povos indígenas elaboraram frente à colonização. Ocorreram relações em um movimento dinâmico de “circularidade cultural”, onde “temos, por um lado, dicotomia cultural, mas por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” (Ginzburg, 1987:21).

As relações no universo cultural/religioso se constitui um campo sobremaneira onde ocorrerem simulações, embates, associações, inversões, etc. que, uma vez pesquisadas, possibilitam superar as idéias de um destino trágico para os povos indígenas, compreender melhor a história e a dinâmica do processo colonial e os seus atores, como também a compreensão de um movimento dinâmico, bem mais complexo, do que a simples explicação de uma suposta aculturação indígena.

Em 02/05/01, o Governo Federal homologou as terras Xukuru (um dos últimos passos burocrático no reconhecimento oficial de um território indígena). Restando ao poder público indenizar, segundo a lei, as benfeitorias dos invasores promovendo assim a saída deles da área indígena. O que vem ocorrendo, com a devolução por parte de pequenos posseiros e fazendeiros das terras aos Xukuru. Porém, aos invasores ainda é facultado o direito a recursos judiciais, contestando o valor da indenizações, como fizeram alguns fazendeiros, cabendo a justiça uma decisão. Todavia, a homologação é um ato irrevogável.

A persistência do Cacique Xicão assassinado em 20/05/98, de Chico Quelé assassinado em 23/08/01, o empenho, a luta, suas vidas e de tantos outros que lutaram pelo reconhecimento dos direitos Xukuru, os direitos indígenas, não foi em vão. Lamentável o preço tão caro: a própria vida!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, E. A. de. 2000. (Org.). *Xucuru, filhos da mãe Natureza: uma história de resistência e luta*. 2ª ed. Olinda, CCLF/Pesqueira/Prefeitura Municipal.
- ANTUNES, C. 1973. *Wakona – Kariri - Xucuru. Aspectos sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas*. Maceió, Universidade Federal de Alagoas.

- BARROS, P. S. 1997. *Confrontos invisíveis: colonialismo e resistência indígena no Ceará*. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE.
- BRUIT, H. H. 1995. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas, Unicamp.
- CCLF – Centro de Cultura Luiz Freire. 1997. *Memórias do Povo Xukuru*. Olinda. [não publicado]
- FIAM/CEHM/Prefeitura de Pesqueira. 1985. *Livro da criação da Vila de Cimbres: 1762-1867*. Recife, FIAM/CEHM.
- GINZBURG, C. 1987. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Cia. das Letras.
- GRUZINSKI, S. 1994. *La guerra de las imágenes: de Cristóbal Colón a “Blade Runner” (1492-2019)*. México, Fondo de Cultura Económica.
- . 1995. *La Colonización de lo Imaginario*. 3ª ed. México, Fondo de Cultura Económica.
- . 2001. *O pensamento mestiço*. São Paulo, Cia. das Letras.
- HOORNAERT, E. 1983. (Org.). *História da Igreja no Brasil*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, (Tomo II/1).
- MEDEIROS, M. do C. 1993. *Igreja e dominação no Brasil escravista: o caso dos Oratorianos de Pernambuco – 1659-1830*. João Pessoa, Idéia.
- NEVES, R. de C. M. 1999. *Festas e mitos: identidades na Vila de Cimbres – PE*. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE.
- OLIVEIRA, J.P. de. 1999. (Org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria.
- SILVA, Edson. 1995. *O lugar do índio. Conflitos, esbulbos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada – PE (1860-1880)*. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE.
- . 1999. ‘O nosso direito’. Conflitos e resistência indígena em Pernambuco no Século XIX. In: SILVA, E. et al. *Índios do Nordeste: temas e problemas*. Maceió, EDUFAL, p. 265-279.
- . 2000. Resistência indígena nos 500 anos de colonização. In BRANDÃO, S. (Org.). *Brasil 500 anos: reflexões*. Recife, Editora Universitária da UFPE, p. 99-129.
- VAINFAS, R. 1997. *A heresia dos índios*. São Paulo, Cia. das Letras.